

Um novo sujeito?

Teresa Palazzo Nazar

"Toda uma humanidade arde agora em febre, noite e dia, uma vigília terrível e poderosa cintila pelos sentidos agitados de milhões de pessoas, o destino penetra, invisível, por milhares de janelas e portas e espanta de cada leito o sono, espanta o esquecimento. Há menos sono no mundo agora, as noites são mais longas e mais longos os dias."

(Zweig, 2013, p. 198)

Vivemos uma época em que parece termos perdido a capacidade e o gosto pela narrativa. As experiências que acompanharam gerações, quando se transmitia de uma a outra as tradições e saberes acumulados privilegiando raízes familiares, da comunidade, do país no qual se vivia... tudo isso se dissipou na "poluída" vida contemporânea. Aliás, não se trata apenas do problema relevante e assustador da poluição ambiental que está presente nessa grande transição em curso no mundo globalizado!

Qualquer país do mundo é feito de diásporas nas quais se pode observar o enclave de muitas etnias, religiões, estilos de vida diversos que apagam a possibilidade de afirmar quem é "de dentro" e quem é "forasteiro". Isso tem implicações sociais, econômicas, mas, sobretudo, subjetivas, e a batalha que se trava para estabelecer a divisão de espaços de convivência e espaços privados torna-se fonte de numerosos desenraizamentos.

Os Estados abdicaram, em grande parte, do projeto de construção de nação, o que significa dificultar ou mesmo impedir a assimilação dos estrangeiros que chegam, impondo-lhes a perda de suas referências, ao mesmo tempo em que os obriga a ficarem no limbo onde não são "nativos" e não têm mais pátria.

É impressionante constatar que a utopia de uma “boa sociedade”, a partir das aparentes facilidades e da rapidez do ir-e-vir no planeta e a comunicação imediata pelas mídias sociais não fizeram a humanidade avançar um milímetro na aproximação dos povos e no reconhecimento das profundas diferenças culturais que, no entanto, poderiam conviver pacificamente.

Cito as palavras proféticas de um dos maiores sociólogos de nosso tempo, Zygmunt Bauman:

“A hoje emergente condição humana sugere um grau sem precedentes de emancipação de constrangimentos – de uma necessidade experimentada como coerção e, portanto, ressentida, contra a qual se gerou rebelião. Esse tipo de emancipação tende a ser vivido como a reconciliação do ‘princípio do prazer’ com o ‘princípio de realidade’, propostos por Sigmund Freud, e, então, entendido como o fim do conflito de uma era que, na visão de Freud, tornou a civilização um viveiro de mal-estar.” (BAUMAN, 2011, p.31)

Ora, esse mal-estar é sensível à percepção cada vez que alguém é defrontado com uma realidade que não é a sua e que lhe parece mais interessante e plena de oportunidades, sobretudo quando o ambiente no qual vive é muito adverso. Não há como retroceder em relação ao fato de que as ações cometidas em determinada localidade têm efeitos em outras e, às vezes, em escala planetária – daí que tudo e todos estão conectados em redes invisíveis. Entretanto, isso não faz com que as diversas nações estejam realmente dispostas a se responsabilizarem subjetivamente pelas consequências objetivas de suas decisões.

Sem esquecer que “a liberdade, no sentido concreto da palavra, consiste na possibilidade de escolha” (Weil, 2022, p. 23) e que essa liberdade é necessariamente limitada pela presença de exigências que excedem a vontade de cada um: como estar com outro sem ultrapassar o limite ético do meu desejo frente ao desejo do outro? Que sujeito é esse produzido pela contemporaneidade que despreza o valor da escuta das narrativas, tanto as

suas (ou seja, as que dizem respeito às suas próprias raízes, as quais poderiam lhes dar o sentido de uma participação real em sua coletividade) quanto as dos que o cercam, cuja consequência é desenraizamento e errância?

Se pensarmos nos adolescentes, os quais estão sempre em busca de um lugar que não seja mais o da infância, onde já não se veem, o que pode lhes ser oferecido que faça frente à angústia enfrentada por se perceberem sozinhos, abandonados? Na impotência para responder à imposição da sexualidade tanto física quanto psiquicamente, é na partilha do bando, fora de casa, que os adolescentes buscam encontrar um lugar, dividindo com os membros deste a dor que lhes é comum.

Para além dos muros de casa, a escola era um lugar onde os adolescentes podiam encontrar uma vida aparentemente livre do controle excessivo da família, mesmo se considerarmos que, para estar inscrito na lei do grupo, era necessário que cada um estivesse inscrito na Lei simbólica. Esta se mostra na função paterna, que se encarrega da introdução da criança nas leis da troca: a criança almeja seu amado objeto, é dele privada; somente mais tarde poderá gozar de um semblante deste objeto que é, afinal, inalcançável enquanto tal porque inexistente.

Mas como o pai tornou-se sem autoridade, isto é, sem o valor de uma referência simbólica, ele está só, e deixa sua cria também sozinha, abandonada ao desenraizamento. Isto levou Charles Melman a afirmar que “a figura do pai se tornou anacrônica” (2008, p. 34). O sentimento de abandono, de desenraizamento de cada adolescente parece ter sido acrescido de uma perda referencial maior, o que nos faz pensar na transformação da adolescência numa espécie de patologia que pode levar, por exemplo, ao suicídio. As taxas de suicídio entre adolescentes (e também entre crianças) cresceu enormemente e em escala mundial. Sem lugar para o acolhimento de sua palavra, já que a família não o reconhece em sua singularidade de sujeito, nem a escola, que o vê como *cliente*, parece que a única saída é seu desaparecimento da cena do mundo, pois sequer sua sexualidade é tratada com seriedade. A nova economia psíquica faz do sexual uma mercadoria como outra qualquer – e disso o adolescente é particularmente vítima.

Vale então perguntar ao psicanalista: a que se deve este sintoma? Seria uma espécie de perversão do pacto social, perversão esta que, mesmo nas democracias mais modernas não se sustenta senão da competição selvagem na qual o direito do homem é o de alcançar plenamente seu gozo, fazendo do outro a mercadoria para alcançá-lo?

Freud afirmou que o mal-estar na civilização advém dos limites impostos ao sujeito: a restrição do desejo e a satisfação de um gozo sempre precário. No tempo em que vivemos, o que se apresenta não parece ser a lei instituída pela herança edípica, com todas as vicissitudes que os psicanalistas bem conhecem na clínica que praticam.

A realidade psíquica, marcada pela perda do objeto – que a fundava como realidade e a fazia ser percebida como falta – hoje se transformou em algo fluido. A realidade com a qual lidamos mostra que a evolução apregoada pelos novos discursos parece em busca de uma defesa contra a castração. Explicando melhor, seria como se as pessoas não aceitassem mais nenhum limite; tudo seria alcançável, pois os objetos estão no mundo, basta um esforço a mais para alcançá-los e deles gozar.

O que acontece hoje leva-nos a suspeitar que está em curso uma forma de mutação no modo como se estabelece a relação de um sujeito com o objeto. O neurótico lida com seu objeto sempre a partir de um fundo de ausência (o que chamamos castração), sonhando encontrá-lo justamente porque tem a garantia de que isso não é possível. O acento colocado pelo sujeito, em nossa contemporaneidade, recai na captura do objeto. Por isso a economia psíquica que daí resulta coloca o sujeito numa relação de dependência tal que, do objeto é exigido que se deixe capturar para que o gozo se efetive de forma explícita. Trata-se de um objeto que hoje se faz presente no campo da realidade.

Podemos dizer que a perversão se tornou um ideal, uma norma contemporânea. Assim, uma perversão no social, fundada nessa economia libidinal, quais desafios traz à escuta psicanalítica? Um novo sujeito?

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

ZWEIG, Stefan. *O mundo insone*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.